



MULHERES NA CIÊNCIA: HISTÓRIAS, MEMÓRIAS E NARRATIVAS

Fabiane Ferreira da Silva¹
Paula Regina Costa Ribeiro²

Embora a ciência, ao longo dos séculos, tenha se caracterizado como uma atividade masculina, as mulheres, em maior ou menor representatividade, participaram da produção do conhecimento. A história das mulheres na ciência desde o período anterior à sua profissionalização é marcada por rupturas, presenças e ausências. Nesse sentido, Maria Conceição da Costa (2006) argumenta que diversas autoras têm se dedicado a entender a suposta "invisibilidade" das mulheres na ciência, a ausência, nos vários momentos da história. Químicas, Médicas, Biólogas, entre outras, as mulheres têm sido relegadas a segundo plano na História da Ciência, agindo nas "sombras da história" e do conhecimento, quase invisíveis, muitas vezes como coadjuvantes e ajudantes, embora o resgate histórico de mulheres cientistas possam apontar a presença das mulheres na geração do conhecimento desde Hipatia a Marie Curie, por exemplo (COSTA, 2006). Desse modo, conhecer e visibilizar a história das mulheres na ciência, mostrar que elas também têm uma história, da qual são também sujeito ativo, vem de encontro às preocupações de uma área ainda em construção no Brasil.

Nessa perspectiva, tais entendimentos nos movem na direção conhecer e tornar visível a situação das mulheres na ciência, as barreiras e dificuldades que elas encontram nesse campo, os processos de constituição das identidades, os discursos e as práticas sociais que inscrevem os sujeitos, questões que são importantes para uma compreensão mais ampla das relações de gênero na ciência. Para tanto, utilizamos como metodologia a investigação narrativa, a qual justifica-se em função do entendimento de que somos seres contadores de histórias, somos seres que individual ou socialmente, vivemos vidas narradas.

A partir das contribuições de Larrosa (1996; 2002), entendemos a narrativa como uma prática social que constitui os sujeitos, pois é no processo de narrar e ouvir histórias que os sujeitos vão construindo tanto os sentidos de si, de suas experiências, dos outros e do contexto em que estão inseridos. Para Larrosa (1996), a narrativa é uma modalidade discursiva, na qual as histórias que contamos e as histórias que ouvimos, produzidas e mediadas no interior de determinadas práticas sociais, passam a construir a nossa história, a dar sentido a quem somos e a quem são os outros,

¹ Doutoranda em Educação em Ciências: química da vida e saúde na Universidade Federal do Rio Grande, Associação ampla entre FURG/UFRGS/UFSC. E-mail: fabiquimica23@yahoo.com.br

² Doutora em Ciências Biológicas: Bioquímica. Professora do Instituto de Educação e do PPG Educação Ambiental da FURG. Coordenadora do PPG Educação em Ciências da FURG. E-mail: pribeiro@vetorial.net.



constituindo assim as identidades – de gênero, sexual, étnico/racial, religiosa, profissional, de classe social, de mãe/pai, filha/o, esposa/o, entre outras. É nesse complexo jogo narrativo que aprendemos a construir a nossa identidade, a dar sentido a quem somos. Dessa forma, segundo o autor, quem somos, não é algo que encontramos ou descobrimos, como se fizesse parte da essência de cada um, mas é algo que inventamos, construímos e modificamos nessa gigantesca e polifônica conversação de narrativas que é a vida e que inclui as pessoas com quem nos relacionamos e cujas histórias nos relacionamos.

Assim, a história das mulheres na ciência é constituída por muitas histórias, é uma história polifônica construída por muitas vozes, discursos e práticas sociais. Partindo do pressuposto de que a investigação narrativa permite a utilização de diversos instrumentos para a produção dos dados, elegemos como instrumento a realização de entrevistas individuais semi-estruturadas.

Neste artigo, analisamos uma das entrevistas³ que foi realizada com uma engenheira a qual narra as motivações para a escolha da profissão, a trajetória acadêmica e as dificuldades encontradas nesse percurso, a fim de problematizarmos alguns discursos e práticas sociais que estiveram e estão implicados na constituição dos sujeitos, neste caso, na constituição de mulheres cientistas, ensinando-lhes modos de ser e de agir como mulheres, como cientistas e de pensar e atuar com relação à ciência.

Para tanto, organizamos o artigo da seguinte forma. Inicialmente, contextualizamos um pouco da história de vida da entrevistada a partir do que apreendemos da sua narrativa. Num segundo momento, analisamos as justificativas para a escolha profissional, procurando entender as motivações, os contextos e condições que possibilitaram essa decisão. A seguir, discutimos a engenharia como um espaço masculino, enfatizando as estratégias e mecanismos desenvolvidos pela participante da pesquisa para enfrentar os obstáculos e barreiras vivenciados ao longo do curso. Assim, visamos contribuir com os estudos que buscam compreender as relações de gênero na ciência e a produção dos sujeitos, mulheres e homens, nesse contexto, tendo em vista a constatação de que estudos sobre gênero na ciência ainda permanecem incipientes.

³ Para a realização desta entrevista elaboramos um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido informando à participante os objetivos e procedimentos a serem adotados ao longo da pesquisa.



A protagonista desta história

Silvia⁴ é a primogênita de um casal que teve duas filhas. O pai, que começou a trabalhar muito cedo foi fiscal da receita federal, mas sonhava em ser engenheiro. A mãe, dona de casa, queria ter trabalhado no espaço público. No ensino fundamental, Silvia argumenta que já tinha interesse pela área da ciência, era curiosa e gostava de inventar “coisas”. No ensino médio, gostaria de ter feito o curso de Eletrotécnica no Colégio Técnico Industrial Prof. Mário Alquati⁵ (CTI), mas não fez porque na época só tinha meninos. Após o ensino médio, decidiu fazer engenharia civil na Universidade Federal do Rio Grande, porque naquela época já havia mulheres nesse curso. Concluído o primeiro ano de Engenharia Civil, decidiu fazer Engenharia elétrica na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Fez mestrado em Ciências da Computação na mesma universidade e doutorado em Informática e Telecomunicações - Centre National de la Recherche Scientifique. Atualmente é professora adjunta da Universidade Federal do Rio Grande, na área de Engenharia da Computação, com ênfase em Inteligência Artificial e Robótica. Silvia atua em dois Programas de Pós-Graduação da FURG, Modelagem Computacional (Mestrado) e Educação em Ciências: química da vida e saúde (Mestrado e Doutorado). Silvia é casada e tem uma filha.

(Re)lembrando escolhas e caminhos: as motivações para a escolha da profissão

Por que escolheste essa profissão? Como se deu essa escolha? Essas foram as perguntas que deram início as entrevistas realizadas com as participantes da pesquisa. Desse modo, com essas questões iniciais tínhamos como propósito conhecer um pouco da história de vida delas, as escolhas, as motivações, os interesses que as levaram a optar por determinada carreira profissional.

Ao justificar a escolha da profissão a Silvia argumenta:

“Eu sempre gostei muito de ciências exatas, na verdade eu sempre tive muita facilidade, eu tinha muita facilidade com matemática e física assim, era simples pra mim tratar com física e matemática. Por outro lado, eu sempre fui meio aham, assim muito curiosa, sempre tive muita curiosidade, sempre inventava coisas, vivia inventando coisas. [...] La pela sexta ou sétima série eu dizia que eu queria ser cientista [...], e ser cientista pra mim era trabalhar com química em laboratório. Essa era a visão que eu tinha. Então eu queria ser cientista e queria trabalhar com vidrinhos e coisas. Tinha aqueles kits de laboratório, sabe aqueles kits de química? Adorava brincar com aquilo, vivia no quintal brincando com coisas assim de inventar. [...] me lembro eu no quintal mexendo em coisas, não sei da onde essa coisa de mexer, inventar. Inventava instrumento musical, inventava milhões de coisas. Eu não sei se as crianças inventam, acho que inventam. A gente olha muito pra gente assim, mas tu ta dizendo pra falar de mim. [...] Então o inventar coisas misturado com a facilidade de matemática e física fizeram com que eu achasse que seria legal pra mim eu fazer alguma coisa em termos de exatas. Até me lembro de conversar com o meu pai e meu pai dizer assim: _é tu pode ser professora de

⁴ Cabe destacar que na divulgação dos dados da pesquisa optamos por manter o nome das participantes, questão que foi combinada durante a realização das entrevistas.

⁵ Atualmente o CTI passou a integrar o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) como Campus Rio Grande.



matemática, tu pode ser professora de física, tu pode ser engenheira, engenheira talvez seja melhor, porque tem aquela coisa social. Lembro-me do meu pai dizendo isso. Aí no final acabei optando, no final do terceiro ano do segundo grau por fazer engenharia civil que era a engenharia mais... era a união da física e matemática. Com essa coisa do pai dizer que tu tens que ser engenheira, acabei fazendo.”

Ao analisarmos essa narrativa percebemos que as motivações que levaram a Silvia a optar pela engenharia estão relacionadas principalmente às habilidades e características necessárias para ingressar nesse campo e o papel importante que o pai desempenhou nessa escolha. Tais habilidades, na visão da Silvia referem-se ao gosto pelas ciências exatas, principalmente a facilidade com a matemática e a física, e ao fato de ser muito curiosa e inventar coisas. Nessa mesma direção, a Silvia argumenta que sempre quis ser cientista, e ser uma cientista para ela estava relacionado com as atividades de laboratório, e neste caso, com a invenção, manipulação, experimentação, observação...

Os aspectos que emergiram da narrativa da Silvia sobre sua escolha pela engenharia nos levaram, num primeiro momento, a pensar/problematizar a concepção tradicional de ciência considerada objetiva, neutra e universal, tendo a física e a matemática como referenciais de rigor e exatidão científica. Essa concepção, ainda dominante, tem como base o pressuposto de que um método é o que vai definir o que é a ciência e o caminho cientificamente “correto” de produzir conhecimento, através da lógica, da racionalização, da observação e da experimentação, tendo o espaço do laboratório como *locus* de investigação do conhecimento científico. Essa estrutura está sustentada principalmente no empirismo, mecanicismo, positivismo e na visão cartesiana. Nessa perspectiva, a razão, a lógica, o quantitativo, o controle e a previsibilidade, a objetividade são aspectos que caracterizam uma prática/produção intelectual como ciência, logo é considerada não-ciência tudo aquilo que não se adequar a esses discursos e práticas.

Com estas breves considerações a narrativa da Silvia nos leva a pensar que na sua constituição enquanto aluna, pesquisadora, engenheira, cientista ela foi sendo interpelada pelos discursos que enfatizam a concepção tradicional de ciência, uma vez que muitas dessas visões tradicionais perpassam diversas instâncias sociais, tais como a escola, a universidade, a mídia, etc. Com isso não queremos dizer que o entendimento de ciência da Silvia se resume as questões apresentadas por ela, o que buscamos foi analisar alguns enunciados sobre ciência que emergiram nessa narrativa.

Além dessa questão, é importante destacar o incentivo do pai para que ela fizesse um curso de engenharia, tanto em função do desejo de ser engenheiro e não ter tido a possibilidade de estudar, como também da representação social que um curso de engenharia apresenta. Nas palavras da Silvia:



“Meu pai foi fiscal da receita, ele começou a trabalhar muito cedo na época não precisava curso superior, ele não pode fazer curso superior, mas ele é o cara mais engenheiro que eu conheci mesmo sem ser engenheiro. E aquela coisa de filha mais velha, somos duas irmãs, então aquela coisa meio que de projetarem... Ele projetou mais ou menos em mim talvez o que ele quisesse ser, também tem essa questão. Teve, tem um pouco disso, eu acho que teve um pouco de projeção, ele sempre quis ser, estudar engenharia e não teve possibilidade, e eu acho que ele sempre projetou desde pequena, então eu tive um pouco disso também.”

No nosso entender, o desejo do pai em ser engenheiro influenciou a Silvia na escola profissional. Além disso, a partir do contexto narrado, talvez possamos afirmar que o fato do pai não ter tido filhos e ela ser a filha mais velha, tenha contribuído para que ele incentivasse a filha a fazer um curso de engenharia, projetando nela a realização do desejo de ter sido engenheiro.

Nessa direção, cabe destacar o contexto econômico, político e social dos anos 80, período em que a Silvia ingressou na engenharia. Socialmente a engenharia tem reconhecida influência nos rumos profissionais possibilitando oportunidades de inserção num mercado de trabalho amplo e diversificado. Historicamente, o ingresso das mulheres tanto nas engenharias como em outras áreas no Brasil, deu-se em função da convergência de vários fatores. Para Lombardi (2005), deve-se principalmente às transformações culturais ocorridas a partir da década de 60 no Brasil que estimularam as mulheres a acrescentarem ao seu projeto de vida a construção de uma carreira profissional e também a expansão das vagas em universidades que favoreceu a concretização do anseio feminino pela profissionalização, ampliando as possibilidades das mulheres para além daquelas áreas tradicionais tais como enfermagem e magistério. Por outro lado, de acordo com a autora, determinadas profissões, tais como a arquitetura, a odontologia, a engenharia, a medicina, o jornalismo, as ocupações jurídicas, vinham passando por profundas mudanças que abriram novas possibilidades de inserção para as mulheres que nelas se formaram a exemplos dos processos de especialização e assalariamento em detrimento da anteriormente predominante autonomia profissional, trazendo também modificações nas suas representações sociais, com repercussões no nível de prestígio e *status* atribuído aos profissionais.

Nesse sentido, de um modo geral, tais aspectos constituíram as condições de possibilidade para a inserção das mulheres em áreas como a engenharia. Entretanto, embora com a crescente presença das mulheres na engenharia, de maneira geral, a presença das mulheres em determinadas áreas da engenharia ainda é muito pequena, caracterizando a engenharia como uma profissão tradicionalmente masculina (CABRAL, 2006; LOMBARDI, 2005).

Retomando a entrevista com a Silvia, ela narra que no final do ensino médio decidiu que queria fazer um curso de engenharia, entretanto, como não sabia bem que especialidade da engenharia seguir, ela acabou optando pela engenharia civil em função de ser um curso que tinha



um número equivalente de mulheres e homens. Numa perspectiva de gênero sobre esses cursos, as pesquisas quantitativas mostram que a engenharia civil e a engenharia química são as áreas da engenharia mais abertas à presença feminina (LOMBARDI, 2005). Silvia ao justificar a escolha pela engenharia civil argumenta: “até pensei em fazer a engenharia mecânica, também tinha o rolo, a engenharia mecânica não tinha mulher, só tem homem. E eu não sabia bem o que era cada engenharia, então decidi me escrever pra civil. Aí eu fiz um ano de civil em Rio Grande.”

Dando continuidade à entrevista, ela conta que desistiu da civil e foi fazer o curso de engenharia elétrica na UFRGS:

“Eu fiz vestibular em 86 e entrei em 87. Aí eu fiz, mas bah sabe não era bem a minha praia. Tinha um colega meu que entrou junto comigo e ele dizia: _ ai Silvia vai fazer um troço em Porto Alegre, porque engenharia civil sei lá, tu já te imaginou fazendo plantas, tu gosta mesmo é de cálculo, de física, porque tu não faz vestibular em Porto Alegre pra engenharia elétrica? Aí na época, eu comecei no primeiro ano de engenharia civil na FURG tem as disciplinas de cálculo e as disciplinas de física, física II, que é eletricidade e magnetismo, eu tive um professor que hoje ele é meu colega aqui, ele dava uma aula fantástica assim de física II, e esse colega meu me botando pilha. Ele dizia: _Vai tu ta perdendo tempo, vai pra Porto Alegre. E eu comecei a ver a parte de física II e eletricidade, e aí eu disse: ai quer saber de uma coisa, o que eu quero não é isso aqui que eu to fazendo, o que eu quero é um troço mais assim. Aí me inscrevi pro vestibular na UFRGS em engenharia elétrica. E na época tinha um rolo na elétrica que hoje não existe mais, tinha reserva de mercado pra computação, foi bem no início que começaram a vender esses computadores, todos eles eram fabricados no Brasil. E era um curso que na época assim era dez, porque todas as pessoas que saiam, saiam empregadas por essas empresas de fabricação de computadores, então tinha um valor agregado a engenharia elétrica, que era super alto, que hoje já não é tanto, virou um pouco pro lado da computação essa parte. Então eu entrei na engenharia elétrica na época de reserva de mercado de todas as empresas que construíam computadores, tinha várias empresas sendo criadas dentro da própria UFRGS, aquilo lá fervilhava a coisa, por conta de toda a nacionalização da eletrônica, tudo era feito no Brasil, e a UFRGS, Porto Alegre era um dos pólos. Então foi quando eu resolvi fazer e aí fui pra lá, e aí lá realmente assim, lá eu era a única mulher. Eu já te contei né, nos éramos 98 que entramos, tinha duas, tinha eu e outra.”

Ao analisarmos essa narrativa percebemos que no momento de decisão entre uma engenharia e outra pesou a identificação da Silvia com a física e a matemática, bem como a possibilidade de já sair com um emprego garantido após a conclusão do curso.

Assim, ao longo desta seção buscamos mostrar algumas das condições de possibilidade que fizeram com que a Silvia traçasse a sua escolha profissional. No narrar-se emergiram o desejo de ser uma cientista, a identificação com a física e com a matemática, o incentivo do pai e do amigo, a possibilidade de inserção no mercado de trabalho, o crescente desenvolvimento da engenharia elétrica no país, entre outros aspectos que estiveram implicados na sua constituição enquanto mulher e cientista.

A seguir, analisamos alguns aspectos da trajetória acadêmica da Silvia, bem como as dificuldades encontradas nesse percurso, os preconceitos, os desafios, as estratégias diárias para permanecer num ambiente predominantemente masculino.



A trajetória acadêmica: Mulheres na engenharia elétrica são pessoas “fora de lugar”

“Aí eu fui pra Porto Alegre, entrei na UFRGS, lá sim que começou essa coisa mais de ser a única mulher no meio. Aí lá é complicado...”

Segundo Lombardi (2005), o surgimento da engenharia moderna se dá a partir dos séculos XVII e XVIII, dentro de condições históricas específicas, tais como, de um lado a Revolução Industrial e, de outro, o Iluminismo. Historicamente a engenharia tem se caracterizado como uma atividade masculina, uma vez que as mulheres timidamente começaram a ingressar nesse campo somente a partir dos anos 20 (LOMBARDI, 2005). Nas últimas três décadas têm sido registrados aumentos significativos do número de mulheres nas engenharias, entretanto a representatividade feminina ainda é muito reduzida. Conforme anunciamos em outro momento, dados mais recentes do CNPq mostram que na engenharia elétrica, a porcentagem de mulheres que requisitam bolsas só chega a 5%.

Tais considerações corroboram com a narrativa da entrevistada, quando destaca ser a única mulher em um curso por excelência masculino.

Retomando a narrativa da Silvia sobre sua inserção e trajetória na engenharia elétrica, uma questão que chama atenção, e é constantemente reforçada por ela ao longo da entrevista, refere-se às dificuldades e preconceitos vivenciados durante o curso. Conforme refere:

“Lá é complicado, lá assim, quando tu chega à sala de aula na elétrica, não sei hoje em dia, deve ser a mesma coisa, tu tens que provar que tu não é burra, assim, qualquer professor que te olha ele te olha já com preconceito de que tu não era pra ta ali. [...] e tu passa cinco anos lá dentro com esse estigma e trabalhando pra provar que tu ta ali porque tu tens que ta ali, entendeu? Ao ser perguntada se isso a incomodava, ela fala: Incomoda. Depois tu aprende, depois tu acostuma, tu aprende, vou te dizer assim ó é ruim, é super ruim, é uma situação, é uma coisa que eu não tava acostumada, porque eu não fiz curso técnico, fiz Joana D’Arc, era um monte de guria na aula, quando tu chega lá e tu te da conta disso e tu senta na aula assim, a maneira como o professor te trata, todos eles, não tinha exceção assim, mas aí depois teus colegas também, teus colegas também, tu sente a mesma coisa, todo mundo é o mesmo sentimento, olham pra ti e dizem tu não tem que ta aqui, porque tu não ta fazendo odonto?”

Essa narrativa cria condições para pensarmos nos espaços sociais que os sujeitos devem ocupar de acordo com seu sexo. É nesse contexto que o gênero se impõe: os homens são “naturalmente” dotados das habilidades e características exigidas pelas ciências hard, enquanto que as mulheres, exatamente porque são desprovidas, também na sua essência, dessas mesmas habilidades, são “naturalmente” destinadas às ciências soft (SOUZA, 2002). Desse modo, o meio científico reproduz as representações de gênero produzidas sociohistoricamente, uma vez que mente, razão, objetividade esteve sempre associada ao masculino, enquanto sentimento, emoção, subjetividade, ao feminino, posicionando assim os sujeitos. Portanto, a engenharia elétrica não se constitui como um espaço permitido para as mulheres, uma vez que elas não possuem as



habilidades e características necessárias para atuar nesse campo. Desse modo, seria mais lógico que as mulheres ingressassem em áreas mais femininas, mais condizentes com sua condição de gênero, como por exemplo, a odontologia.

Nessa perspectiva, para Marília Gomes de Carvalho (SALA DE IMPRENSA DO CNPq, 2010), em função da representação da mulher como passiva, frágil, doméstica e mãe, “a mulher em todas as instâncias tem que provar sempre que tem competência, o que não é igualmente cobrado dos homens”. Para a autora, por causa desta visão, a mulher enfrenta mais dificuldades que os homens, que já possuem historicamente o ethos de serem vistos sempre como os mais fortes, os líderes e os mais competentes. Relacionando as considerações de Lima (2008), aos nossos propósitos, as mulheres na engenharia, neste caso, a elétrica, são pessoas “fora de lugar” e por isso são levadas a provar sua capacidade de sobrevivência, daí a busca da perfeição, do “fazer mais” como tentativa de provar suas habilidades, de provar que não é “burra” e que merece estar nesse lugar.

Nesse ambiente predominantemente masculino, como é o caso da engenharia elétrica, as mulheres acabam desenvolvendo determinados mecanismos e estratégias de sobrevivência, principalmente para se protegerem das situações de violência e assédio. Sobre esse aspecto a Silvia fala:

“[...] nessa época então eu já tinha feito regime, eu era alta, morena, era direitinha, vamos dizer assim, era a única mulher e aquela coisa bom um bando de homem na tua volta tu a única mulher, morava sozinha então tinha uma série de coisas que... podiam ter pessoas que se aproveitassem, vir mais pro teu lado por outro sentido, só que eu tenho, eu vou falar do meu marido, ele é meu namorado desde que eu fui pra Porto Alegre com 17 anos, eu fui e ele foi, cada um foi pra uma casa mas a gente foi, então desde o primeiro dia de aula eu apareci com ele. [...] Era uma pessoa muito presente na minha vida, tipo assim, ele ia me buscar sempre na UFRGS, porque sozinha, ele passava lá e me pegava, então meus colegas sempre tiveram essa imagem de que a Silvia era... tinha um namorado sério, firme que, então isso era uma coisa que meio que me protegia dessa coisa de assédio que existe por tu ser... existe por tu ser a única mulher no meio de um bando de homens, então esse lado eu sempre envolvi muito ele. Então tinha janta eu levava, tinha festinha eu levava pra até me proteger dessa coisa assim, pra dizer assim pelo menos esse lado eu vou ser mais ou menos que nem vocês, não tem chance de vocês tentar chegar mais perto de mim pra tentar alguma coisa, eu sou que nem vocês, eu tenho namorado fixo, entende, esse tipo de coisa é uma coisa importante, então com namorado firme eu conseguia pelo menos marcar um pontinho ali de dizer ó mais ou menos eu só igual a vocês, porque vocês não dão em cima de um colega, vocês também não vão dar em cima de mim porque eu tenho namorado firme, que ta sempre comigo, que é um cara legal, não sei o que, eu passava muito isso.”

Nessa narrativa percebemos que andar sempre com o namorado, levá-lo nas festas do curso, torná-lo uma figura presente na sua vida fazia parte das estratégias utilizadas pela Silvia para ser respeitada e se prevenir do assédio dos colegas.

Nessa mesma direção, outro mecanismo de defesa adotado pela Silvia refere-se a não utilização de determinados marcadores femininos. Em relação a isso Silvia comenta que fazia o possível para não chamar a atenção dos colegas.



“Não pintava a unha, não fazia cabelo. Secar o cabelo com secador foi uma coisa que eu nunca fiz na vida, também eu nunca fiz isso antes, eu nunca fui muito perua, agora que eu sou mais perua, mas antes não, mesmo antes de ir para Porto Alegre e me meter num bagulho só de homem, eu nunca fui muito dessas coisas, mais ou menos assim, mas dentro da engenharia elétrica bah se eu fosse muito arrumada eu chamava muita, chama muita atenção por ser a única mulher entendeu, então eu usava aquela... eu sempre dizia isso pros guris, não podia chamar mais atenção do que os brinquedos sabe, acho que não é da tua época, Baby Consuelo tinha uma música dos barrados na Disneylândia porque eles diziam que não podiam chamar... eles não deixaram ela e o Pepeu Gomes entrar na Disneylândia porque tinham os cabelos não sei o que, então eles não podiam chamar mais atenção do que os brinquedos. Então eu vivia dizendo isso: _eu venho assim porque não dá pra chamar mais atenção do que os brinquedos, então isso acontece assim, eu tinha esse cuidado de não chamar muita atenção, não chamar muita atenção, ter um namorado fixo.”

Nessa narrativa percebemos como ela abandonou determinados adornos e comportamentos “tradicionalmente” femininos para aumentar sua credibilidade como estudante de engenharia. Para adaptar-se ao convívio com seus pares masculinos ela não secava o cabelo, não pintava a unha de vermelho, não andava “muito arrumada”, tornando-se de alguma forma invisível como mulher. Para Schiebinger (2001, p. 152) “o abandono dos atavios da “feminilidade” não só é geralmente necessário para uma mulher ser levada a sério como cientista, mas é com frequência importante também para evitar atenção indesejável à sua sexualidade”. Desse modo, a narrativa da Silvia nos leva a pensar que andar muito arrumada, com roupas mais femininas, secar o cabelo com o secador e principalmente pintar a unha de vermelho, marcador tipicamente feminino e ligado à sedução, devem ser evitados para que as mulheres não chamem a atenção dos homens evitando com isso de serem assediadas, tornando-se mais próximas dos homens e da seriedade da ciência.

Transitar na narrativa da Silvia sobre as motivações para a escolha da profissão, a trajetória acadêmica, as dificuldades encontradas, as estratégias desenvolvidas para se proteger, entre outros aspectos, nos possibilitou discutir e problematizar alguns discursos e práticas socioculturais que, estiveram e estão implicados na sua constituição enquanto mulher, engenheira, cientista, pesquisadora, etc., ensinando-lhes modos de ser, agir, de pensar e atuar com relação à ciência. Nesse sentido, transitar na sua narrativa implica entender que os comportamentos e as atitudes dela, de seus familiares e colegas não podem ser compreendidos fora dos contextos sociais e culturais em que estão inseridos.

Para finalizar, destacamos que as questões, sucintamente apresentadas aqui representam apenas algumas reflexões sobre gênero e ciência. Olhar de forma mais atenta e crítica para as relações de gênero na ciência implica em problematizar determinadas “verdades” cristalizadas na história, contribuindo, talvez com outros modos de fazer, outros modos de olhar, de viver e de vir a ser. Nesse sentido, argumentamos sobre a importância de desenvolver pesquisas na perspectiva de gênero, pois conhecer e tornar visível a história de mulheres no mundo da ciência pode possibilitar



a efetiva inserção e participação das mulheres nesse contexto, configurando-se como uma estratégia fundamental para a minimização das desigualdades que caracterizam a sociedade brasileira.

Bibliografia

CABRAL, Carla. *O Conhecimento Dialogicamente Situado: histórias de vida, valores humanistas e consciência crítica de professoras do Centro Tecnológico da UFSC*. 2006. 206 f. Tese (Doutorado em Educação Científica e Tecnológica) – Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

COSTA, Maria Conceição da. *Ainda somos poucas*. Exclusão e invisibilidade na ciência. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 27, July/Dec. 2006. P. 455-459. Disponível em: <[http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos//Pagu/2006\(27\)/da_Costa.pdf](http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos//Pagu/2006(27)/da_Costa.pdf)> Acesso em: 18/03/2010.

LARROSA, Jorge. Narrativa, identidad y desidentificación. In: _____. *La experiencia de la lectura*. Barcelona: Laertes, 1996. p. 461-482.

_____. Tecnologias do Eu e educação. In: SILVA, Tomaz T. (Org.). *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 35-86.

LIMA, Betina S. *Teto de Vidro ou Labirinto de Cristal? As margens Femininas das Ciências*. 2008. 133 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Brasília, Brasília.

LOMBARDI, Maria Rosa. *Perseverança e resistência: a engenharia como profissão feminina*. 2005. 292 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

SALA DE IMPRENSA DO CNPQ. *Encontro cobra políticas públicas que favoreçam a inserção das mulheres na ciência*. Disponível em: <<http://www.cnpq.br/saladeimprensa/noticias/2010/0201b.htm>> Acesso em: 11/02/2010.

SCHIEBINGER, Londa. *O feminismo mudou a ciência?* São Paulo: EDUSC, 2001

SOUZA, Ângela M. F. de L. O viés androcêntrico em biologia. In: COSTA, Ana Alice A.; SARDENBERG, Cecília Maria B. (Orgs.). *Feminismo, Ciência e Tecnologia*. Salvador: REDOR/NEIM-FFCH/UFBA, 2002. p. 77-88.